3 1761 03580 7080

Mendonça, Henrique Lopes de
Caracter e influencia da
obra do infante

G
286
H6L6

COMMEMORAÇÃO DO QUINTO CENTENARIO
DO INFANTE D. HENRIQUE

CARACTER E INFLUENCIA
DA OBRA DO INFANTE

CONFERENCIA PROFERIDA NO CLUB MILITAR NAVAL
EM 28 DE FEVEREIRO DE 1894

POR

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

Capitão-tenente da armada
Socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa

1894
LIVRARIA FERIN
LISBOA

COMMEMORAÇÃO DO QUINTO CENTENARIO
DO INFANTE D. HENRIQUE

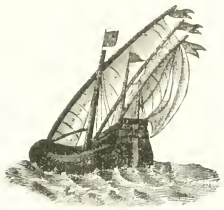
CARACTER E INFLUENCIA
DA OBRA DO INFANTE

CONFERENCIA PROFERIDA NO CLUB MILITAR NAVAL
EM 25 DE FEVEREIRO DE 1894

POR

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

1894
LITHOGRAVURA A VAPOR
LISBOA



Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto e subido.

(Lusiadas, canto IX, est. LXXXVIII)

COMMEMORAÇÃO DO QUINTO CENTENARIO
DO INFANTE D. HENRIQUE

CARACTER E INFLUENCIA

DA OBRA DO INFANTE

LISBOA
Imprensa de Libanio da Silva
Rua das Gaveas, 47

Edição de 250 exemplares

N.º 91

M. Lopes de Mendonça

COMMEMORAÇÃO DO QUINTO CENTENARIO
DO INFANTE D. HENRIQUE

CARACTER E INFLUENCIA
DA OBRA DO INFANTE

CONFERENCIA PROFERIDA NO CLUB MILITAR NAVAL
EM 28 DE FEVEREIRO DE 1894

POR

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

Capitão-tenente da armada
Socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa

1894
LIVRARIA FÉRIN
LISBOA

CARACTER E INFLUENCIA

DA

OBRA DO INFANTE

MEUS ILLUSTRES CAMARADAS

Numa epocha de fecunda transformação scientifica como a que vamos atravessando, é o ideal de todos os homens que estudam o poder acrescentar algo de novo, uma minucia de analyse, um pormenor esquecido, um ponto de vista pessoal, a qualquer dos grandes problemas que incessantemente se debatem. A similhança da irrequieta e infatigavel curiosidade que levava os elevados espiritos dos seculos XV e XVI a desvendarem todos os segredos do mundo material, uma ancia insoffrivel de saber distende as azas do genio moderno, incitando-o a pairar alto, tão alto quanto possivel, para rasgar todos os mysterios do mundo intellectual. Não se consente que o estudioso se limite a constatar a segurança do edificio scientifico que se levanta; exige-se-lhe que elle traga algum novo elemento de construcção, parcella de cimento ou bloco de cantaria, e a custo se lhe perdôa se elle, com simples florões, se propõe a alindar, na medida dos seus esforços, a frontaria severa do monumento.

É' por isso, meus caros camaradas, que obedeci cheio de hesitação ao vosso honroso convite. Para a celebração do centenario do infante D. Henrique têem direito e dever de collaborar aquelles que conseguiram arrancar das trevas da historia algum raio luminoso que se possa projectar entre os

clarões da sua apotheose, ou aquelles que ao calor da sua voz eloquente possam fundir-lhe o bronze da estatua. A minha voz é que não póde abalançar-se a sobresair no vasto côro de triumpho universal que sauda a veneranda memoria. Nem tenho factos, nem pontos de vista novos, nem palmas vistosas de eloquencia para enfeixar no socco do monumento. Mas cumpro um dever de deferencia para com a associação que se digna confiar na minha palavra; e, prestando homenagem ao vulto grandioso que se consagra, folgo de concorrer, embora de uma fórma modestissima, para exaltar as glorias da marinha portugueza, á qual me orgulho de pertencer.

Porque a verdade é que, sem ter sido propriamente um marinheiro, na accepção restricta do vocabulo, o infante D. Henrique é o maior dos genios que, em todos os tempos, têem dado impulso á navegação. D. Henrique, o Navegador, chamam os extrangeiros a esse severo principe, que não extendeu as suas viagens para além das costas da Berberia, conhecidas desde a remota antiguidade. O mais extraordinario da consagração reside exactamente na antinomia que se nota entre a vida corporal do infante e esse glorioso epitheto. Foi o seu grande e luminoso espirito que navegou, fundindo-se no espirito dos audazes mareantes que por sua ordem iam reconhecer as costas da Africa occidental, iam desvendar os arcanos do mar Tenebroso, iam roubar ao proprio Deus os mysterios sagrados do globo que Elle creára; e nunca no mundo real teve uma encarnação mais completa o velho mytho de Prometheu, arrebatando do Olympo o fogo vivificante!

Foi o espirito do infante que adivinhou, por intuição genial, todos os segredos da geographia moderna. É o seu espirito que palpita em todos os mares, que arrebata a India das mãos poderosas do mahometanismo, que arranca ás vagas do Atlantico um continente inteiro, que illumina o cerebro dos grandes conquistadores do Oceano, de Colombo, de Gama e de Magalhães!

Não vos pareça temeraria a minha phrase, ou solta inadvertidamente no alôr enthusiasta da rhetorica.

O genial pensador de Sagres é muito mais que um percursor. Anda adstricta a esta palavra a idéa de uma vaga e mal delineada percepção atravez das nebulosidades densas do futuro, uma visão de tenue sombra, de contornos esfumados, sem fórmas precisas, como as que nós, os mareantes, lobrigâmos custosamente no horisonte, deixando-nos hesitantes sobre a natu-

reza d'ellas: arrumação de nuvens ou conhecença de terra. Não é assim indefinida e brumosa a visão do infante. Ella afigura-se-me nitida, como deveria ser a dos prophetas biblicos lendo no futuro. D. Henrique sabe o que quer e para onde vae.

O primeiro marco da sua estrada de gloria é a conquista de Ceuta. Quando se encontra sobre as muralhas da cidade mourisca, extende a vista do seu espirito sobre a vastidão das terras e a immensidade dos mares. «Acha-se», diz o eminente historiador, o sr. Oliveira Martins, «acha-se entre duas interrogações infinitas; dois páramos longinquos, sobre os quaes lança o largo vôo do seu pensamento: um é o mar tenebroso dos arabes; outro o Prestes João das Indias».

Pois a estas duas interrogações do infinito responde logo o seu espirito prophetico. Não é a suggestão divina que desce a illuminal-o: é a sua propria rasão esclarecida pelas obras dos geographos da antiguidade e porventura pela sciencia arabica. Não hesita. Calmo, severo, reflectido, as caravelas que elle envia para o sul e para o occidente não desferem as vélas ao acaso dos ventos, para que a Providencia lhes depare terras e ilhas nunca sonhadas. No seu trabalho antevê-se a empreza colossal de Colombo, a portentosa viagem de Vasco da Gama. Na costa de Africa, o seu empenho é procurar as noticias da India, cujos perfumes inebriantes parecem trazer-lhe as viração de leste; nos páramos do mar Tenebroso, elle presente, observa, domina, um continente novo, apenas sonhado pelos antigos.

*

Quereis as provas? Ou antes os indicios d'essa previsão segura do seu genio? Encontro-os em dois textos de um relatorio coevo, intitulado *De prima inventione Guineae*, e publicado ha menos de cincoenta annos pelo dr. Schmeller na sua obra sobre Valentim Fernandes Allemão. O auctor d'esse relatorio é Diogo Gomes, almoxarife de Cintra, que teve parte importante n'aquellas expedições gloriosas do seculo xv, reclamando para si um quinhão da honra

do descobrimento das ilhas de Cabo Verde, geralmente concedida por inteiro ao genovez Antonio de Noli.

Tendo chegado ao rio Gambia, que explorou quanto lhe foi possivel até Cantor, Diogo Gomes teve noticia de que na margem esquerda d'aquelle rio habitava um potentado indigena de nome Batimansa. Procurou travar relações com elle, e conseguiu-o. O regulo veiu conferenciar com o capitão portuguez, n'uma floresta marginal, acompanhado de uma numerosa comitiva de negros, armados de setas venenosas, de azagayas e de espadas. Diogo Gomes tratou com elle pacificamente, dando-lhe presentes de mantimentos e de vinho. Então o regulo, agradecido e jubiloso, jurou-lhe nunca mais fazer guerra aos christãos e dar-lhes seguro para mercadejar nas suas terras.

Repito no latim barbaro do relatorio parte do periodo subsequente a esta narrativa: «Quod ego volui experimentare mittens Jacobum quendam Indium, quem dominus Infans nobiscum misit, ut, si intrassemus Indiam, quod habuissemus linguam, in terram...[1]» Traduzo ao pé da letra: «O que eu quiz experimentar enviando um certo indio chamado Jacob, o qual o sr. infante mandou comnosco, afim de que, se chegassemos á India, tivessemos um lingua n'essa terra».

Poderá offerecer duvidas a authenticidade d'este indio; o caso não é para discutir n'este momento. Mas o que estas simples phrases revelam é a preoccupação pertinaz que dominava o infante. Não é uma mera aspiração platonica, um palpar indefinido e cego em busca das regiões encantadas: o seu fito é positivo e nitido. Não é por Marrocos que elle pretende chegar á India: a conquista de Marrocos representa a parte, porventura espectaculosa, em que elle transige com o espirito de sectarismo do seu tempo. Mas a empreza favorita do seu genio, essa vae-se desdobrando tenazmente, mas um pouco na sombra, pelas costas occidentaes da Africa, cujo extremo procura com uma pertinacia, que parece denotar a como previsão assombrosa de Bartholomeu Dias e de Vasco da Gama.

Porque é digno de reparo o caracter quasi clandestino das suas expedições. Perdido n'uma extremidade da peninsula, longe da côrte, a sós com os

[1] *Ueber Valent. Fernandez Alemã und seine sammlung von Nachrichten...* von Dr. Schmeller, pag. 29.

seus cartographos e os seus mareantes, desviado de qualquer outra communicação com a sociedade agitada da sua epocha, a sua figura apenas surge por instantes na politica official do paiz, quando o reclamam as campanhas contra os mouros de Africa. Afóra um que outro diploma solicitado das chancellarias para o revestir dos poderes que lhe são indispensaveis para a sua obra, nada indica a repercussão das glorias conquistadas na atmosphera indifferente da côrte, e o paiz permanece quasi absolutamente extranho á empreza colossal que seduz o solitario de Sagres. As suas expedições conservam-se, ainda até hoje, n'uma meia obscuridade, de que so parcialmente pôde arrancal-as o espirito investigador de Azurara. De 1448 até 1460, data do fallecimento do infante, ha uma lacuna consideravel na historia d'essas expedições, lacuna accusada por Barros e por Goes, e incompletamente preenchida pela narração de Cadamosto e pelo relatorio de Diogo Gomes, a que já me referi. O proprio infante julgaria porventura que a sua obra era apenas de preparação, e que não merecia os encomios dos seus contemporaneos, emquanto o descobrimento da India a não coroasse. Para a posteridade trabalhava elle, como todos os genios de larga envergadura, que á Providencia apraz elevar de quando em quando acima da seara ondulante da humanidade, para que possa banhal-os em cheio o clarão das estrellas do porvir, que assomam no longinquo horisonte oriental.

* * *

Mas uma acção parallela, se bem que em sentido contrario, se revela no pensamento altissimo de D. Henrique. E aqui peço licença para repetir outro periodo do trabalho de Diogo Gomes, quando se refere ao descobrimento do archipelago dos Açores: «Tempore quodam Infans dominus Henricus, cupiens scire partes extraneas oceani occidentis, si invenirent insulas an terram firmam ultra descriptionem Tolomei, misit caravelas ad quaerendum terras» [1].

[1] Dr. Schmeller. *Op. cit.*, pag. 40.

Versão litteral: «N'um certo tempo o infante D. Henrique, desejando conhecer as partes extranhas do oceano occidental, se encontrariam ilhas ou terra firme além da descripção do Ptolomeu, expediu caravelas á descoberta de terras».

Não esqueçamos que Diogo Gomes teve convivencia pessoal com o infante, como um dos capitães a quem elle confiou por vezes as suas caravelas exploradoras. O testemunho é pois auctorisado. Assim, o infante D. Henrique tinha como que a presciencia de uma terra firme ao occidente. O seu espirito ia muito além das theoricas especulações da antiguidade. Ilhas, toda a gente suppunha que estavam disseminadas pelo oceano immenso. A imaginação popular, a phantasia mesmo dos estudiosos, davam corpo aos mythos poeticos que a idade média bordára sobre a geographia positiva. Mas a idéa de um continente perdido nas brumas do Atlantico, só a poderia aninhar um grande espirito, embebido em todas as doutrinas da cosmographia, deduzindo de dados scientificos a grandeza do planeta, e presentindo a existencia d'esse continente por uma profunda intuição de necessario equilibrio na obra divina. A crença popular de que a navegação através do oceano fôsse impossivel, porque antes de ter aportado a qualquer terra pereceriam de inanição e sêde todas as tripulações, essa crença aterradora não intimidava o pensamento do infante, como não preoccupou mais tarde o genio audaz de Colombo. A empreza d'este ultimo era iniciada pelo principe portuguez, e seguia-se n'uma continuidade de esforços de que dão claro testemunho os documentos do tempo de D. Affonso v e de D. João II, e de que dá prova formal a revelação, ha pouco feita pelo incansavel investigador o sr. Ernesto do Canto, da prioridade chronologica do descobrimento do Labrador sobre a gloriosa expedição do grande genovez. Assim, no espirito de Colombo, como no espirito do Gama, palpitava a inspiração do egregio infante; e quando mais tarde Magalhães demonstra praticamente a esphericidade da terra e mede a grandeza do globo com as quilhas das suas naus, é a obra gigantesca iniciada por D. Henrique que obtem a sua final coroação, é a sciencia humana que chega á meta dos seus designios, impulsionada pela mão herculea do sonhador de Sagres.

Os summos problemas da navegação e da geographia não os resolveu elle; para tanto, dados os recursos d'aquelle tempo e os innumeros attritos

de preconceitos seculares, era escassa a vida de um homem. Acima de qualquer outro, porém, elle encaminhou poderosamente a sua solução. Vimos como do seu cerebro derivaram as caudalosas torrentes de luz que em menos de dois seculos conquistaram para o homem cêrca de tres quartas partes do globo.

E entre as nuvens de oiro e purpura, os grandes descobridores da terra deveram de divisar-lhe vagamente a luminosa figura, em toda a parte, ao longe, ao longe, para os extremos do desconhecido oceano, na India, nas Molucas, na America!

Indispensavelmente, a arte de navegar deveu ao seu impulso uma revolução completa. Cosmographos, astronomos, sabios da Europa inteira vieram dar alento á escola de Sagres, mais tarde centralisada em Lisboa.

N'ella se educaram os mais illustres dos navegadores, do seu influxo nasceu a cartographia positiva dos modernos tempos.

E similhantemente a construcção naval foi-se aperfeiçoando e adaptando ás necessidades da navegação no mar largo. Das explorações dos portuguezes data a agonia do typo secular do navio de guerra, impulsionado pelos remos, da galé celebrada em todas as guerras da antiguidade. E á influencia do infante se deve o typo que durante o seu seculo teve o mais brilhante papel nas expedições maritimas. Refiro-me á caravela, tomada pelas suas mãos no estado rudimentar e grosseiro de barco de pesca; aligeirada, augmentada na lotação, aperfeiçoada nas suas condições de navigabilidade, de modo que ainda durante a vida do infante merecia os calorosos elogios do veneziano Cadamosto; assumindo uma fórma mais completa e definitiva sob a direcção de Colombo e de Gama. De maneira que os seus tres estados correspondem, se me é permittida a analogia, ás metamorphoses de um insecto.

Mas isto é um exemplo apenas; não é meu intento recapitular o que sobre a arte de navegar e material naval aqui expozeram ha pouco diante de nós as vozes mais auctorisadas de dois illustres camaradas nossos. Basta a recordação d'essas brilhantes conferencias para accentuar a influencia poderosa que sobre taes assumptos teve o espirito do infante. Se friso estes factos, é apenas para fundamentar a asserção a que me abalancei no começo d'esta conferencia, e que repito agora: o infante D. Henrique é o maior dos genios, que, em todos os tempos, têem dado impulso á navegação.

E todavia, meus senhores, este vulto grandioso só no nosso seculo se impoz verdadeiramente á admiração do mundo. Agora, mercê dos trabalhos da critica moderna, é que principia a banhal-o a luz plena da historia. Ainda ha poucos dias, se me deparou n'um jornal de Lisboa a traducção de um artigo de uma gazeta ingleza, o *Standard*, se bem me lembro, allusivo ao centenario do infante. Se os meus camaradas não o lêram, não calculam o vasio e a fatuidade de similhante artigo. Palavras agradaveis, é certo, mas diluidas n'aquelle tom de supremo desdem, que é, sobre todos os outros povos, o caracteristico do inglez ignorante e *chauvin*. Sinto não o ter á mão para o expôr ao riso que merece. Recordo-me vagamente de que nos fazia a concessão de achar o infante um homem illustre, comquanto incapaz de hombrear com a estatura gigantesca de Colombo.

Era um heroe secundario, uma especie de preparador de mysterios de prestidigitação, que apresentava humildemente aos genios a urna de onde elles sacavam mundos. Não eram estas, repito, as palavras do jornalista *in albis* e historiador *in herbis*; mas era esta a impressão que se recebia d'aquellas linhas, seccas como um bom cidadão do Reino Unido, membro das sociedades de temperança... litteraria. Não se esquecia, é claro, a circumstancia, altamente lisongeira para o patriotismo inglez, de ser o infante filho de uma ingleza. E concluia por affirmar que, se alguns eruditos no mundo conheciam estes nomes, aos historiadores inglezes o deviam [1].

[1] Posteriormente á exposição d'esta conferencia, appareceram artigos nas mais acreditadas folhas de Londres, como o *Times*, o *Daily News*, a *Pall Mall Gazette*, que, segundo me affirmam, são excellentemente elaborados e fazem a mais ampla justiça á figura do infante e ao culminante papel representado pela nossa patria na historia universal. Comquanto os não lêsse ainda, não quero perder este ensejo de manifestar que as minhas palavras, relativas ao artigo alludido no texto, não representavam um proposito de aggressão contra todo o jornalismo inglez, que pelos factos agora apontados sacudiu briosamente a responsabilidade das inepcias de um dos seus membros.

Sobre este ultimo ponto é que não era absolutamente destituido de fundamento o orgulho do jornalista britannico. Tratando-se de consagrar a memoria do infante, ha um nome inglez que não deve ficar esquecido, como o do homem que lavrou uma das mais solidas pedras para o monumento do nosso sublime compatriota. Refiro-me ao historiador inglez Major, ha poucos annos fallecido. E é realmente de lastimar que elle não presenceie a festiva consagração prestada hoje ao heroe do mais notavel dos seus livros, d'aquelle que lhe merece da parte dos portuguezes um reconhecimento indelevel. Folgo de, pela minha parte, prestar aqui esta homenagem á sua memoria, já que a morte não permittiu que a sua voz imparcial e potente destacasse agora no concerto de acclamações que saudam a gloria do grande infante.

Encontrou este, é certo, o seu Plutarcho, entre a aristocracia intellectual dos seus contemporaneos. Mas a obra de Azurara não só ficou incompleta, como apenas logrou a luz da publicidade ha pouco mais de cincoenta annos. O proprio Damião de Goes, na *Chronica do principe D. João*, declara não ter encontrado o manuscripto [1]. Só Barros se valeu das notas soltas de Azurara para elucidar, quanto em si coube, a vida do infante D. Henrique e a historia das suas expedições [2]. Mas a figura imponente do solitario de Sagres conservou-se envolta nas nebulosidades da lenda, similhante a um semi-deus mythologico que dominasse os mares. E no extrangeiro, a sua gloria permanecia quasi desconhecida, por vezes proclamada pela voz de uma meia sciencia, da qual ainda são echo as phrases alludidas do articulista do *Standard*. Ao mesmo tempo que o nome do immortal principe surgia lentamente das sombras da historia, loucas pretensões de patriotismo cego se elevavam, especialmente da parte dos francezes, para contestar a prioridade dos descobrimentos portuguezes e diminuir a estatura colossal do infante.

Renhida foi a contenda. Graças aos trabalhos de tantos sabios illustres, entre os quaes citarei particularmente o eminente investigador visconde de Santarem, essas falsas presumpções acham-se afinal destruidas, e geralmente se reconhece o papel superior, e durante largo tempo quasi exclusivo, que desempenhou Portugal na epopêa da civilisação moderna.

[1] Cap. VI da *Chr.* cit.

[2] *Asia*, Dec. I, liv. II, cap. I.

Simultaneamente, as brumas que obscureciam o vulto do infante vão-se diluindo na verdade serena da historia. Perde acaso com isso a poesia, mas ganha indubitavelmente a sciencia. A figura despe o aspecto lendario de gigante para assumir proporções humanas, que a fazem comprehensivel e contingente. Nada, afinal de contas, amesquinha os heroes como o mytho da inspiração divina, celebrado nos panegyricos e nos agiologios. É uma força sobrenatural que actua sobre esses predestinados, que lhes illumina o entendimento, que lhes guia o braço, que lhes dirige a alma, e que os reduz a simples automatas movidos pelas mãos da Providencia.

O infante D. Henrique é homem, e, como homem, a sua biogrophia é mais uma prova do velho e tantas vezes invocado aphorismo de Terencio. Sombras empanam a sua vida, misturando-se e dissipando-se no clarão deslumbrante do seu genio. Tem os defeitos das suas qualidades, tem a fria impassibilidade de todos os homens absorvidos por uma idéa dominante. O seu espirito é como um terreno onde não vicejasse uma planta amena, onde não desabrochasse uma flôr perfumada, onde uma herva rescendente não podésse nutrir-se, onde todos os germens fôssem destruidos, mortos, aniquilados, pelas robustas raizes da arvore da sciencia, que sobre o terreno inteiro desdobra a sua copa implacavel e severa.

* * *

É um solitario, um asceta, envolto no seu pensamento, como n'um cilicio. O amor não floresce para elle; não ha figura suave de mulher que lhe esmalte a existencia. O pae, respeita-o como soberano, é possivel que nos recessos da sua alma elle desperte por momentos uma faisca de sentimento affectivo, mas, affastado d'elle no eremiterio da Terça Nabal, não consta que as saudades o levem frequentes vezes á côrte. O affecto fraternal recalca-o elle no peito quando a salvação de um dos irmãos se torna um elemento perturbador da sua obra, quando o auxilio prestado a outro o distra-

hiria, talvez longo tempo, dos trabalhos em que se acha empenhado. A luz exclusiva do sentimento, Tanger é uma macula sombria na vida do grande infante, Alfarrobeira empana levemente o brilho do seu caracter.

É egoismo? Será; mas se o egoismo é susceptivel de gradações, este é do melhor quilate. A idéa fixa que determina a exclusão quasi por completo dos sentimentos affectivos é uma idéa humanitaria, não é uma mesquinha ambição pessoal. Digam o que disserem os pessimistas, o interesse material auferido pelo infante estava longe de corresponder á magnitude do seu proposito. Quanto mais faceis e mais seguras seriam as satisfações de uma estreita ambição de poder, se elle houvesse, por exemplo, acceitado as propostas do imperador da Allemanha e dos reis de Castella e de Inglaterra para tomar o commando dos seus exercitos? Se tivesse accedido a convite analogo feito pelo papa Martinho v? No estado de perturbação em que se achava o mundo politico, n'uma elaboração effervescente que devia dar a Europa reconstituida das epochas modernas, que facil seria para um espirito levantado e pertinaz como o do infante o talhar o seu quinhão de dominio no patrimonio do feudalismo agonisante ou no esplendido thesouro de Turcos e de mouros! Não são as suas recusas uma prova de que o guiavam mais elevadas aspirações do que a sêde do poder ou da riqueza?

Estes mysterios da psychologia, explica-os muito mais claramente á nossa intelligencia a profunda intuição dos grandes genios da litteratura e da arte, do que as complicadas elucubrações dos homens da sciencia. Shakespeare apresenta-nos um admiravel modelo d'esses homens, movidos por um pensamento dominante, e esmagando em holocausto a esse pensamento as vidas dos que os amam e o proprio coração. Hamlet, o principe dinamarquez, tem uma alma pura e generosa, propensa á ternura, aberta aos sentimentos mais nobres e, como hoje diriamos, mais altruistas. De subito, o seu espirito é illuminado por um clarão sinistro. O segredo da morte de seu pae desvenda-se, um ideal de vingadora justiça se apodera de todo o seu ser. E a sua alma transforma-se, levando-o á crueldade e ao desprezo pela vida humana, quando fôr necessario sacrifical-a no altar onde fulge implacavel o idolo da vingança. Duro para com sua mãe, fugidio para os seus amigos, cruel para com a virgem que o impregnou de todos os perfumes de um amor celeste, esse meigo sonhador torna-se um assassino. Um innocente morre ás suas mãos, e por

sua culpa a doce Ophelia desce ao tumulo, flôr calcada rudemente nos passos que o conduzem á realisação de uma obra inflexivel.

Pois o ideal do principe dinamarquez é bem mais estreito e pessoal do que o que impulsiona as acções do infante D. Henrique. E comtudo, a nenhum dos espectadores da grande tragedia de Shakespeare se affigura antipathica e repugnante a figura de Hamlet.

Porque ha de, na real e vivida epopêa portugueza, surgir maculada pela ferocidade a figura do principe navegador? Porventura, no mundo da ficção, a triste e encantadora Ophelia é menos digna de lastima do que, no mundo da realidade, o é o infante D. Fernando, a victima expiatoria do desastre de Tanger? Porventura o assassinio do pobre Polonio é menos grave, sob o ponto de vista do sentimento humanitario, do que a apparente indifferença de D. Henrique pela catastrophe de Alfarrobeira?

Perdoem-me os meus illustres camaradas esta digressão pelo campo da arte, que me devêra porventura ser vedada n'esta casa, cujos echos só querem repetir as formulas severas da sciencia. Levou-me a isso a tendencia invencivel do meu espirito, que não póde furtar-se á emoção artistica na contemplação dos grandes phenomenos da historia. E parece-me tambem que essa colossal figura do infante ficará mais tangivel e clara para os nossos olhos, se affeiçoarmos a vista pelo espectaculo que a vida contemporanea ou a arte creadora nos pódem offerecer hoje em dia.

Quem sabe as profundas mágoas, as dilacerantes angustias, as terriveis hesitações, que revolveriam secretamente a alma do infante, nas duas tremendas conjuncturas a que me referi? Estes taciturnos, de trato aspero e de concentrado espirito, não esmagam impunemente os sentimentos affectuosos que são o apanagio do coração humano. Por não explodirem na palavra dura, por não transparecerem no olhar frio, não são menos horrorosas as torturas que por vezes lhes despedaçam a alma. Infelizmente, a historia não possue documentos precisos que illuminem estes intimos recessos da alma do immortal infante. Mas é licito preenchel-os pela hypothese, lembrando-nos que nenhum d'esses predestinados, na apparencia egoistas, é inaccessivel de todo aos tremendos arranques da sensibilidade humana. Napoleão, com quem o sr. Pinheiro Chagas justamente o compara, soluçava como uma creança, em seguida a Wagram, em seguida a Bautzen, á cabeceira de um camarada mori-

bundo: chorava dolorosamente ao separar-se do marechal Lannes; levou uma noite inteira a lamentar-se, banhado em lagrimas, junto da imperatriz Josephina de quem ia divorciar-se. Sabem-se estes factos isolados, que servem para completar o retrato moral de um grande homem, pelas memorias intimas, pelas correspondencias, pelas indiscrições surprehendidas dos seus familiares. Todos esses elementos nos faltam para apreciar devidamente o caracter do infante. Mas denegril-o de animo feito, sem ter em conta a grandeza excepcional da obra que lhe absorvia todas as faculdades, deve considerar-se, conclue com rasão o illustre escriptor que acabo de citar, como uma das mais flagrantes injusticas e das mais negras ingratidões que pódem macular um povo.

E depois, D. Henrique não é um santo: o seu nome não reclama um logar nos agiologios, impõe-se á admiração dos historiadores; a sua fama não é consagrada em bullas de beatificação, mas surge luminosa da esteira phosphorecente das suas caravelas e das naus que depois da sua morte cortaram o oceano e conquistaram o globo terraqueo. As estrophes do seu poema de gloria não perpassam no latim unctuoso das litanias; modulam-se nas brisas do Atlantico e nas monções do Indico, rugem nos temporaes do Cabo e nos tufões do mar da China.

Mas se alguem quizesse levar ainda mais longe a justificação do seu caracter, pol-o-ia em confronto, respeitosamente, com o espirito mais puro, mais sereno, mais augusto, que tem merecido as adorações da humanidade; e no Evangelho encontraria, sem que lhe perturbassem a fé, as rudes palavras dirigidas pelo Christo a sua Mãe, santificada pela igreja. Vê-se por ellas como o exclusivismo de um ideal sublime dissolve a doce ternura, que faz a felicidade e o conforto dos corações vulgares.

Ainda na sua ascendencia, nós encontraremos a explicação do extraordinario caracter do infante. O mesmo sangue violento que conduziu D. Pedro á loucura do amor exclusivo, esmagando todos os instinctos brandos, conju-

gada com a loucura da justiça, levada até aos extremos da crueldade, foi o que gerou em seu neto a loucura sublime da gloria, o amor pela sciencia rompendo através de todas as exigencias do coração. Amalgamae esta tendencia enthusiastica de peninsular com o fleugma britannico, recebido do sangue materno, com a herança do caracter inglez, composto de necessidade de independencia, de capacidade de iniciativa, de vontade energica e pertinaz, de vehemencia de paixões concentradas, do habito de olhar para dentro de si, emfim de todas essas complexas feições moraes que arrastam o homem ao que Taine denomina espirituosamente «a hypertrophia do eu». Ajuntae a tudo isto o fermento morbido do genio, e tereis um retrato formulado segundo as modernas doutrinas da hereditariedade.

Foi esta mescla de raças que produziu o heroe incomparavel que os meus olhos vêem na plana dos grandes conquistadores da humanidade, d'esses vultos gigantescos que baptisam um seculo nas paginas da historia, Alexandre Magno e Julio Cesar entre os antigos, Christovam Colombo e Napoleão Bonaparte nas epochas modernas. A estrella de D. Henrique resplende, com brilho supremo, na radiante constellação das glorias portuguezes, e só uma outra, na nossa historia, póde igualar-lhe a grandeza: a que, no seculo seguinte, illumina o genio portentoso de Affonso de Albuquerque.

É singular a approximação d'estes dois nomes, demarcando os dois pontos angulares da nossa epopêa nacional: o inicio e a culminancia. É uma extraordinaria coincidencia de datas determina um seculo exacto entre o ponto de partida e o ponto de chegada d'esta singradura apotheotica: 1415, a conquista de Ceuta, a primeira expedição que a terras de Africa fazem forças portuguezas; 1515, a morte de Albuquerque, que assignala o começo da decadencia do nosso imperio colonial. Não será curioso approximar estas entidades prestigiosas, cotejar estes dois gigantes que, com um punhado de homens, intentam affeiçoar o mundo á politica de um pequeno povo de heroes?

Quando o primeiro expira, o segundo balbucia as primeiras canções da infancia. 1453, é o nascimento de Affonso de Albuquerque; 1460, é a morte do infante.

Entre o apparecimento dos dois no tablado da historia, medeia pouco menos de um seculo. Mas que seculo esse! Como é avolumado, accrescido, amplificado, pela grandeza dos acontecimentos que n'elle se contêem!

A exploração da Africa occidental, a passagem do cabo da Boa Espe-

rança, o descobrimento da America, a primeira viagem maritima á India! Os numeraveis heroes d'essas campanhas da sciencia, Gil Eanes, Zarco, Diogo Gomes, Noli, Diogo Cam, Diogo de Azambuja, Bartholomeu Dias, os Côrte-Reaes, Labrador, Colombo, Vasco da Gama, João da Nova, Alvares Cabral, cito ao acaso da minha reminiscencia. Na politica interna, a nobreza subjugada, e um monarcha de alto espirito concentrando o poder real nas suas mãos de ferro. Na politica de expansão, as costas da Berberia domadas pelo esforço dos capitães portuguezes: depois de Ceuta, Alcacer, depois de Alcacer, Arzilla, depois de Arzilla, Tanger; as feitorias commerciaes, os castellos, as missões portuguezas, disseminando-se pela Guiné, pela Mina, pelo Congo; as colonias dos archipelagos recemdescobertos desenvolvendo-se por uma fórma maravilhosa; e por ultimo, os alicerces do nosso imperio indostanico cimentados pela audacia e pela intelligencia de varões como Duarte Pacheco e D. Francisco de Almeida.

Que estrada fulgurante e diamantina! Que extranho borbulhar de talentos, de heroicidades, de glorias! Pois para que os dois colossos os dominem, para que as suas cabeças sobrelevem a esta messe deslumbrante, necessario é que as suas proporções sejam quasi sobrehumanas! E assim é: na rocha de Sagres e na ilha de Goa, essas duas figuras elevam-se como desmarcadas visões de um sonho homerico, e os seus olhares inspirados abrangem o infinito.

*

Mais infeliz do que o seu emulo, Albuquerque só muito tarde deu os primeiros passos na carreira que o immortalisou. Quando foi armado cavalleiro em Ceuta, D. Henrique saía apenas da adolescencia; quando foi pela primeira vez á India, Albuquerque entrava já na velhice. Quarenta e cinco annos, quasi meio seculo, medem o desenrolar da vasta empreza a que o primeiro consagrou assim tres quartas partes da sua vida; cêrca de doze annos apenas fôram dados pela Providencia a Albuquerque para desenvolver todos os recursos do seu genio.

Mas a obra de D. Henrique era por sua natureza lenta e pertinaz, demandava todos os esforços de uma rasão serena e prophetica, a tenacidade sem impaciencias, o vigor nunca desmentido por desfallecimentos, a concentração persistente da actividade. Ao passo que a obra de Albuquerque, mais espectaculosa e arrebatada, exigia a impetuosidade do guerreiro, combinada com a rapida percepção do estadista. A sua espada lampeja como um raio, fulminando o poder mahometano na India, assegurando por momentos o predominio portuguez em todo o oriente. As caravelas do infante vão lentamente penetrando o ignoto, e cada uma das suas expedições marca um ponto de espera na invasão gradual do mundo pela civilisação europêa. Por isso, D. Henrique occupa mais vasto logar na sciencia; Albuquerque avulta mais vigorosamente na politica. O ultimo é o complemento do primeiro, como a acção o é do pensamento.

Na historia moderna, temos uma analogia frizante da missão d'estes dois grandes homens. Refiro-me á revolução franceza, pacientemente preparada pela philosophia humanitaria do seculo xviii, espalhada no mundo pela espada flammejante de Napoleão. Assim a guerra completa e diffunde uma obra de paz; assim, por uma providencial anomalia, a força torna perduraveis as conquistas do direito.

Do direito, disse, e não me desdigo. Pelo espirito dos meus ouvintes perpassa, como uma negativa, a recordação das violencias, das depredações, dos crimes de toda a especie, das crueldades sem nome, que assignalam a historia colonial de todos os povos. Embora! D'esse cahos tenebroso brotam raios de luz que esclarecem a consciencia humana; d'esse montão enorme de injustiças surge a affirmação de um direito sagrado: o direito do homem ao planeta que habita.

Assim, pois, á philosophia revolucionaria do seculo passado, á obra tenaz e demolidora dos Montesquieu, dos Voltaire, dos Rousseau, dos Diderot, dos d'Alembert, póde no seculo xv comparar-se o trabalho gigantesco de renascença scientifica iniciado pelo infante com a collaboração dos seus marinheiros, dos seus pilotos, dos seus cartographos. E a mão poderosa de Bonaparte repete, n'um campo differente de actividade, a obra explosiva com que Albuquerque, tres seculos antes, illuminára todo o Oriente.

E de passagem, cumpre notar uma coincidencia historica de elevado al-

cance. Para todos os grandes conquistadores, a India é como um sonho inebriante, uma especie de ambicionado paraizo, como aquelle que os viajantes da idade média procuram por todos os recessos do mundo. Alexandre Magno empenha na sua conquista o maximo dos seus esforços; Julio Cesar pensa, porventura, no caminho d'essa região encantada, quando estabelece o seu dominio no Egypto; Napoleão Bonaparte, em 1812, lança o seu exercito sobre a Russia, porque, diz elle a mr. de Narbonne, «esse longo caminho é o caminho da India», e o accesso das forças francezas até ao Ganges seria «a expedição gigantesca, mas exequivel, do seculo XIX». De todos os conquistadores europeus, é Albuquerque, comtudo, o que mais se approxima da realisação d'esse sonho, antecipando a obra de expansão politica e mercantil que hoje vêmos concretisada no imperio colossal da Grã-Bretanha.

Mas, voltando ao parallelo dos dois extraordinarios portuguezes, que de affinidades e que de contrastes se observariam nos seus temperamentos, nas suas indoles, nas manifestações do seu genio, se esse trabalho não fôsse extremamente difficultado pela falta de intimos pormenores biographicos com relação ao infante!

Não teve este, como Albuquerque, a penna de um secretario curioso e ingenuo que lhe notasse as palavras, as acções e os gestos, como fez Gaspar Corrêa nas *Lendas da India*; nem a devoção de um filho querido, que elevasse um monumento litterario á sua memoria (*Commentarios do grande Affonso de Albuquerque*); nem mão piedosa que não deixasse perder as suas cartas, documentos preciosos para a historia. D'estas obras destaca-se, vivaz e nitida, a figura do grande conquistador do Oriente; ao passo que o vulto épico do solitario de Sagres apenas póde entrevêr-se atravez das informações, um pouco vagas, levemente suspeitas, do livro de Azurara, chronista cortezão, e n'um que outro traço fugitivo do relatorio de Diogo Gomes.

Para o equilibrio do seu temperamento faltava a Albuquerque o contrapezo do *cant* britannico, que roça pela hypocrisia, por um exaggerado pudôr das manifestações externas do sentimento. Se bem que geralmente temeroso no aspecto, o infante tinha uma provisão de sangue frio sufficiente para lhe abafar o fogo interno da colera. Por isso, mesmo na extrema irritação, o gesto era comedido, a palavra mansa. Não se exaltava, não tinha accessos, nem furias; tornava-se mais esquivo, mais concentrado, quando a paixão lhe

abalava o animo e nunca, diz Azurara, «palavra torpe nem deshonesta . . . foi ouvida da sua bôcca». Por isso, o seu genio era constante na adversidade, e não se deixava seduzir pela vaidade nos casos prosperos. Não estaes vendo n'este esboçado perfil a preponderancia do sangue materno, não vos impressionam os contrastes com o caracter do pae e do avô, ruidosos na alegria, trovejantes na colera, communicativos nas affeições?

Pelo contrario, em Albuquerque, nada vem contrabalançar os impetos do temperamento meridional, a não ser o instincto da prudencia politica, frequentes vezes subjugado pela força explosiva das paixões. «Era supito em sua paixão, e logo arrependido», diz Gaspar Corrêa. E as provas caracteristicas da sua violencia multiplicam-se em muitas passagens da sua biographia, das quaes basta citar o episodio succedido diante de Ormuz, em 1508, quando arrancou as barbas ao velho João da Nova e o poz a ferros, porque o experimentado mareante se oppunha á continuação do cêrco.

Mas a estes defeitos contrapõem-se brilhantes qualidades de perspicuo guerreiro e de politico sagaz, que escasseiam, em grande parte, no infante D. Henrique. Como guerreiro, a frustrada tentativa de Gibraltar e a desastrosa empreza de Tanger assignalam uma imprevisão e uma imprudencia, pouco em harmonia com o caracter reflectido do infante. Como politico, a sua acção, sempre hesitante e amortecida pelas absorventes aspirações da sciencia, contribuiu poderosamente para o triste desenlace de Alfarrobeira.

Ambos trabalhadores infatigaveis, ambos desprezando o somno e o descanço, n'um ponto se afinam, sobretudo, os seus egregios espiritos: nas eminentes faculdades de organisação, fortificadas pelo estudo e pelo saber. Testemunham-nas da parte do infante a colonisação dos Açores e da Madeira, a formação de uma companhia colonial e maritima para a exploração do rio do Ouro, o estabelecimento de feitorias commerciaes em pontos importantes da costa de Africa, como em Arguim e no rio de S. João. Justificam-nas em Albuquerque a disciplina introduzida nas forças portuguezes, a absorpção do elemento indigena na raça conquistadora, e sobretudo a previsão transcendente dos emporios mercantis no mundo oriental.

Ao arrebol de Ceuta corresponde o crepusculo apotheotico de Goa; e a divisa gloriosa de D. Henrique *Talent de bien faire* repercute orgulhosamente

na derradeira phrase escripta a D. Manuel por Albuquerque moribundo: «As cousas da India ellas fallarão por mim!»

* * *

Esses videntes, comtudo, illudem-se, como todos os genios de larga envergadura. A sua vista penetra as brumas do porvir, mas é trahida pelas allucinações de uma phantasia excessiva. Ha um desequilibrio funesto entre a superioridade do seu designio e os recursos escassos de que dispõem. A tensão das suas ambições leva-os muito além da realidade positiva. E os povos, que elles pretendem guiar á realisação de um sonho esplendido, caem extenuados, apenas lhes falta o arrimo do seu genio. Por isso, a obra que sae das suas mãos possantes só tem de consistente e perduravel o que interessa ao viver da humanidade, as verdades scientificas conquistadas pelo seu labor, as instituições remodeladas, o commercio aberto a todos os povos, a terra aberta a todas as energias.

O sonho do dominio universal é como um sol deslumbrante, que até offusca os olhos das aguias. Porque não havemos de perdoar essa allucinação, levando em conta os seus resultados fecundos? Perdoemol-a, sim! mesmo quando esses resultados fôram conseguidos á custa do nosso sangue e da nossa força; mesmo quando essa gloria foi comprada pelo preço da nossa felicidade nacional.

«Felizes os povos que não têem historia!» é este um velho aphorismo que um grande numero de portuguezes recordam com amargura. Eu não pertenço a esse numero; e quando vejo um historiador da plana de Alexandre Herculano fulminar com o seu estylo de bronze o periodo soberanamente épico da historia patria; quando vejo o pessimismo alastrar, sob o prestigio d'essa voz potente, nas mais abalizadas manifestações da critica contemporanea; sinto apertar-se-me o coração, e pergunto a mim proprio se provirá da inferioridade de espirito o meu enthusiasmo pelo cyclo heroico, que poderia

sem vangloria assumir na historia da humanidade o titulo distinctivo de seculo de Portugal.

O periodo para elle verdadeiramente admiravel da nossa historia, termina, segundo diz Herculano, com a concentração do poder soberano nas mãos de D. João II. Até então, a nossa organisação democratica era um penhor seguro da prosperidade da nação. O povo tinha voz no governo, e as suas virtudes retemperavam-se nas luctas de independencia, e mais tarde nas incursões em terra de Africa, como natural derivativo da nossa actividade; guerra aconselhada pelas tendencias cavalheirescas do caracter nacional e pela rivalidade tradiccional das duas religiões, a christã e a mahometana. A invasão da Mauritania constituia uma reacção justificada da invasão da Peninsula pelos arabes, realisada sete seculos antes.

Desde esse tempo, porém, no entender do grande historiador, a absorpção de todo o poder nas régias mãos faz desviar a politica portugueza do seu curso racional; a Africa torna-se um campo secundario de lucta; as forças vivas da nação somem-se no abysmo aberto pelos descobrimentos; as virtudes civicas, perdido o estimulo cavalheiresco, afundam-se na torrente de cubiça despertada pelas riquezas do Oriente.

A nossa decadencia começa, pois, necessariamente, no momento preciso em que Bartholomeu Dias, dobrado o Cabo Tormentoso, abre as portas que nos conduzirão á India. De então para cá, Herculano vê apenas sombras no quadro da historia portugueza. A nossa gloria não fulge mais aos seus olhos; e o austero escriptor sente retinir, nas homenagens que os extrangeiros prestam á nossa acção civilisadora, uma tremenda gargalhada de escarneo.

Permitta-me a memoria do grande Mestre uma respeitosa discussão sobre as suas idéas. Vivo, sorriria, porventura, da audacia; morto, se a bemaventurança não é uma illusão fagueira, o seu espirito sentirá a emoção profunda com que eu ouso acercar-me do seu grande nome.

A politica primitiva de Portugal era sem duvida a mais consentanea com os interesses nacionaes. Varrida de elementos extranhos a nesga da Europa que nos coube em partilha, o norte da Africa era um vasto campo para a expansão da nossa actividade guerreira e mercantil. Mas encaremos a questão de mais alto: sob o ponto de vista dos interesses geraes da humanidade, não seria essa politica estreitamente utilitaria e nacionalmente egoista? Demais

sei que não se poderia considerar a politica que se seguiu como humanitaria e altruista, nas intenções; mas foi-o indubitavelmente nos resultados. É mister que não vejamos apenas na historia dos descobrimentos portuguezes a espada sanguinolenta do invasor, a bolsa insaciavel do chatim, a nau da carreira da India submergindo-se em meio do Oceano pela sobrecarga de thesouros rapinados. É justo que as sombras espessas não empanem essa luz que nos illumina ainda o angustioso crepusculo.

Não vou recordar a obra dos colonisadores, dos organisadores, dos politicos, que, embora ephemera, deixou proficuas licções ao mundo. Mas parallelamente á avidez, á crueldade, a licença, desenroladas pela India e pela America, veja-se o opulentissimo patrimonio legado pela sciencia portugueza aos seculos. Começa agora a conhecel-o o mundo, e nenhum erudito se atreverá a vibrar-nos a gargalhada de escarneo, quando tiver vista do nosso labor colossal em tantos ramos de conhecimentos humanos: na geographia, na nautica, na hydrographia, na anthropologia, na ethnologia, na botanica, na zoologia, na philologia, um mar de descobertas, um acervo monstruoso de illustrações scientificas. Atropellam-se os nomes: Barros, Goes, Duarte Barbosa, Garcia da Horta, Pedro Nunes, D. João de Castro, Fernando Oliveira, Lavanha, Pimentel, Gabriel Rebello... Que sei eu? Páro para não fatigar o auditorio.

E que ganhámos com isso? Aqui occorrem-me as sabidas palavras do Evangelho: Nem só de pão vive o homem. Pelo alimento espiritual que prodigalisámos ás mãos largas no mundo inteiro, démos o pão do nosso corpo. Fatigados, quasi hecticos, sobrecarregados com o peso de mundos para que nos escasseiavam as forças de Atlante, resvalámos rapidamente para o infortunio. Foi-se-nos a grandeza material; resta a grandeza moral para consolar-nos. Resta a gloria das nossas tradicções, aquella que faz com que hoje mesmo, apezar das agruras do nosso viver, apezar da diffamação que pesa sobre o nosso paiz, ainda tenhamos orgulho de dizer lá fóra: sou portuguez, sou da patria do infante D. Henrique, de Vasco da Gama, de Affonso de Albuquerque, de Fernão de Magalhães!

Que os meus presados camaradas não tomem estas palavras por uma explosão de patriotismo balofo. Para as nações como para os homens, as grandes tradicções constituem como que um elemento de vitalidade. O san-

gue corre mais vivo nas veias dos velhos, quando recordam as proezas da sua juventude. Vive-se da saudade, como se vive da esperança. O passado é estimulo, quando não é vergonha. A felicidade renasce com a sua recordação; e os olhos affeitos a deslumbrar-se com os esplendores do preterito, ainda vêem raios consoladores nas trevas do presente. Um grande poeta francez, respondendo ás dolorosas palavras do Dante, escreveu:

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur.

Acceitemos esta verdade: são ainda os nossos antepassados que nos consolam dos nossos contemporaneos, e que, por phenomenos de atavismo, nos conservam a esperança sobre os nossos descendentes.

Ah! meus senhores! que triste e fatal condão dos iniciadores de revoluções, individuos ou povos, o de serem quasi sempre sacrificados ao seu exito!

Por mais salutares que sejam, as arvores revolucionarias desentranham-se em fructos opimos sobre os quintaes visinhos, mercê do desenvolvimento colossal dos seus ramos, e deixam cahir os pomos apodrecidos e venenosos no solo que lhes deu a vida! Foi o que nos succedeu a nós, povo portuguez: da extraordinaria revolução que iniciámos, restou-nos na bocca o travo amargo da corrupção e da displicencia! Mas, se é verdadeiro o preceito de se achar consolação para as proprias miserias nas miserias alheias, o espectaculo que nos apresenta o mundo hodierno é bem de molde para nos confortar. A soberba arvore da revolução franceza, depois de espalhar pela humanidade os germens de um novo direito e os principios sagrados da liberdade, eil-a que fructifica após um seculo apenas, no pomo sorvado e peçonhento da plutocracia, trazendo no perisperma as sementes da anarchia!

* * *

Mas deixei-me arrastar pelos meus pensamentos um pouco para fóra do meu programma, e surprehendo-me a entoar uma nenia, quando devêra sol-

tar um hymno de triumpho. A festa que hoje se celebra é uma apotheose, e não teem n'ella logar as pompas do serviço funebre. Longe de nós os desfallecimentos e os desanimos! A tradição do glorioso infante serve para nos influir, pelo exemplo, a tenacidade e o esforço, e para guiar a patria no caminho do rejuvenescimento.

Quizera agora, meus prezados camaradas, recordar as façanhas immorredouras dos marcantes que collaboraram com elle nos prodromos da nossa epopêa maritima, consagrar palavras de glorificação a essa pleiade intemerata e audaciosa que até quasi ao cabo das Palmas arrancou a Africa das trevas do desconhecido. A elles pertence um logar de honra nas festas do centenario do infante; e quando não fôsse possivel moldar-lhes as effigies, os seus nomes, pelo menos, tinham direito a figurar no monumento erguido á memoria do principe navegador!

Só me resta, porém, tempo para recordar rapidamente esses nomes, ao acaso da minha reminiscencia: Gil Eannes, que dobra o cabo Bojador; Affonso Gonçalves Baldaya, que chega ao rio do Ouro; Nuno Tristão, que passa da ilha de Arguim e morre mais tarde, gloriosamente, no rio do seu nome; Antão Gonçalves, Gonçalo Pacheco, Gomes Pires, Diogo Affonso, que proseguem as explorações; Diniz Dias, que attinge o Cabo Verde; Alvaro Vasques, que passa além d'esse cabo; Lançarote e Soeiro da Costa, que exploram o Senegal; Alvaro Fernandes, que transcursa a Serra Leôa; Diogo Gomes, que explora o Gambia, e descobre com Antonio de Noli as ilhas de Cabo Verde; Zarco e Tristão Vaz, que descobrem a Madeira; Velho Cabral, que descobre os Açores; e os collaboradores extrangeiros, o genovez Antonio de Noli, já citado, o sueco Balarte ou Abeillard, o veneziano Cadamosto...

J'en passe, et des meilleurs!

Estes nomes são honra e exemplo da marinha portugueza, mais tarde illustrada por navegantes de maior fama, mas nunca por outros mais heroicos e pertinazes. O seu arrojo venceu o pavor das superstições medievaes, percorrendo o mar Tenebroso, penetrando na zona torrida, escancarando a porta para o descobrimento do mundo. Das suas expedições brota a nova sciencia do globo, onde bebem a largos haustos os excelsos espiritos de Colombo, de Gama e de Magalhães.

Essa pleiade de navegadores estrenuos constitue a guarda avançada da civilisação europea, que hoje invade o orbe inteiro. São os pioneiros da sciencia moderna, iniciando a revolução gigantesca que ha de remodelar totalmente a vida da humanidade. São os valentes lenhadores do futuro, desbastando o matagal espesso da velha cosmographia, para dar ao homem o conhecimento perfeito da patria que lhe coube entre os innumeraveis atomos da poeira astral.

Para se fazer idéa da actividade desenvolvida n'essa epocha pelos mareantes portuguezes, basta citar as informações estatisticas, embora incompletas, que chegaram aos nossos dias, do movimento maritimo, tanto de exploração como mercantil, para as costas novamente descobertas. Segundo os calculos, que com certeza pecam antes por falta do que por excesso, de Gomes Eannes de Azurara, expediram-se no periodo de doze annos, de 1434 a 1446, cincoenta e uma caravelas. Mas só no anno seguinte, 1447, o mesmo auctor nos revela que se armaram vinte e seis caravelas e uma fusta para as partes da Guiné. Pelo mesmo tempo, pouco mais ou menos, assevera-nos Diogo Gomes que não se passava um mez sem que partissem caravelas a fazer commercio n'aquellas regiões.

Ah! como sinto que vos impressiona dolorosamente o contraste entre essa florescente actividade e o abatimento do presente! Embora! repito, urge reagir contra os accessos estereis do desalento. As forças vivas da altiva nacionalidade portugueza estão adormecidas, não estão extinctas. Para que esta raça podésse resistir a uma decadencia de seculos, é necessario que nas suas fibras corra uma seiva energica e vivaz. Phenomenos de todos os dias nos estão provando peremptoriamente o resistente vigor da nossa raça. E já que estamos aqui, n'uma intima convivencia, na familia dos que se occupam nos rudes trabalhos do mar, permitti que me deixe arrastar por um natural impulso de orgulho, ao vêr como a marinha portugueza, ainda na tragica hora que atravessâmos, não desmentiu um instante a nobreza dos seus pergaminhos e soube dar, nos seus mareantes, nos seus guerreiros, nos seus exploradores, porventura o mais importante dos contingentes para o accrescimo das nossas velhas glorias!

A ella pertence um dos papeis mais salientes na obra sacrosanta da regeneração da patria. Desempenhal-o-heis honrosamente, com os olhos fictos

na memoria d'esses heroicos navegadores do seculo xv, com o coração cheio das épicas tradicções do glorioso infante. Dignos, como os nossos antepassados, de supportar altivamente essa tremenda responsabilidade, fazei votos dara que o restabelecimento da nossa força naval permitta em breve a expansão das vossas poderosas faculdades de mareantes e da vossa tradiccional coragem!

O timbre da marinha portugueza esteve sempre synthetisado no moto energico do infante. Seja elle o lábaro perenne em torno do qual se congreguem a vossa actividade e o vosso patriotismo. Levada a todos os mares do mundo, essa divisa recordará a nacionaes e extranhos os prodigios herculeos da nossa historia. Dae força á minha voz obscura, para que ella seja definitivamente adoptada, como consagração do quinto centenario do principe navegador; para que na pôpa dos nossos navios de guerra refuljam em lettras de ouro, como estimulo e como brazão, essas palavras propheticas que traduzem em lingua extranha a nobreza dos filhos de Portugal:

«Talent de bien faire!»

Ellas são o *pendant* das celebres palavras de Nelson, que a Grã-Bretanha recorda incessantemente aos seus marinheiros:

«England expects that every one will do his duty!»

«A Inglaterra espera que todos cumprirão o seu dever!»

Com a differença que estas representam uma aspiração, ao passo que a divisa do infante, tornada a divisa da marinha portugueza, constitue uma affirmativa energica [1].

[1] O lemma hoje adoptado na marinha portugueza,

«A patria honrae que a patria vos contempla!»

é devido á iniciativa e ao talento de um ministro que era ao mesmo tempo um insigne homem de lettras, o sr. Mendes Leal. Comquanto litterariamente seja um verso energico e irreprehensivel, escasseia-lhe absolutamente a importancia moral que deriva das grandes tradicções historicas. Como o meu illustre camarada que hoje dirige os negocios da marinha não poude assistir á minha conferencia, rogo a S. Ex.ª se digne acceitar o requerimento que verbal e directamente tencionava então expôr-lhe. Empenho os mais ardentes votos do meu espirito para que se faça a substituição d'aquelle lemma pela divisa do infante, á qual sobeja o caracter alludido de intensa significação moral.

O caminho por onde o dever conduz ao poderio e á gloria, ensinámol-o nós á orgulhosa Inglaterra, ensinámol-o ao mundo inteiro. Foi uma ponte luminosa que nós construimos e por onde, a nosso exemplo, todos os povos da Europa se precipitaram n'uma ebriedade de conquista, com os olhos esgazeados para a outra margem, onde se amontoavam columnas de porphyro, zimborios de ouro, cornucopias jorrando pedrarias. Nunca exigimos direitos de portagem; mas a Europa, reconhecida, pagou-nos. Pagou-nos na moeda do desdem, pagou-nos na facil moeda da affectada ignorancia, pagou-nos, expoliando-nos.

«Talent de bien faire!» é por isso a divisa que convem a uma nação de sentimentalistas e contemplativos. Mas o tempo e a experiencia forçaram-nos a dar-lhe uma interpretação mais comesinha e utilitaria. Não fomos felizes na generosidade fidalga, que nos levou a fazer bem aos outros. Utilisemo-nos por nossa vez da lição. Tratemos de fazer bem a nós proprios.

Bem sei que não é esse um ideal bastante levantado para os nossos espiritos de meridionaes; mas de cada vez que defenderem uma parcella dos nossos dominios ultramarinos, os marinheiros portuguezes hão de considerar que salvam os derradeiros e preciosos farrapos d'essa deslumbrante tunica imperial, que começaram a talhar para os nossos hombros as mãos egregias do infante D. Henrique.

FIM

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY